

# A SAVANDE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

Vol. II.

Domingo 5 de Outubro de 1856.

N. 6.

## LITTERATURA.

### Paginas Intimas.

VI.

#### ESTUDOS HISTORICOS

I.

VIRIATO.

VII.

Segundo Aladio, Viriato nasceu na Lusitania interior (Beira.) Ha diversas opiniões sobre os principios da sua vida. Plinio diz que fôra jornalista, mas que achando este mister pouco lucrativo, se fizera *recoveiro*. Lucio Floro, assevera que Viriato era pastor de ovelhas, e que a sua vida errante, 'os frios e as calmas contribuíram bastante para despertar n'elle os instinctos guerreiros com que o conheceremos mais tarde. Laymundo apresenta Viriato d'estatura elevada, membrudo, o cabello e a barba um tanto crespo, os olhos grandes e carregados, nariz aquilino etc. etc. Lucio Floro relatando os feitos d'este heroe chama-lhe o Romulo de Hespanha, emfim todos os authores d'aquelle tempo consagraram paginas inteiras ao primeiro ornamento da Historia Portugueza.

Vimos que Viriato pôde escapar á traição de Galba. Elle partia com o odio no coração, e um desejo ardente de vingança. O seu grito de guerra fez-se ouvir por toda a parte, os Lusitanos acordavam do torpor que os consumia, e tudo annunciava que a luta hia recommençar, mas d'esta vez mais viva, mais encarniçada. Os montanhezes comprehendiam por fim que lhes era facil a victoria mandados por um homem como Viriato. Em pouco tempo todos lhe obedeciam, e sem que este pedisse tal, foi unanimemente proclamado capitão de toda a Lusitania.

Viriato quiz ainda uma vez conhecer o resultado da infamia de Galba. Acompanhado de al-

guns soldados partio para o vale onde se dera a traição, e ahi chegado um espectaculo doloroso e cruel se lhe preparava.

Os cadaveres dos homens, dos meninos e das donzellas estavam horrivelmente martyrisados. Parecia que os Romanos achavam prazer em rasgar com as pontas de suas lanças os corpos d'estes infelizes. Viriato ficou vivamente impressionado; obriçou aquelles que o acompanhavam a jurar com as mãos nas feridas de uma donzella, que vingariam aquelle sangue innocente até á morte.

Laymundo dá conta d'este juramento pela fórma seguinte: Por este sangue nunca contaminado por este corpo privado de sepultura, pela alma d'esta donzella, juro offercer meu sangue em sua vingança, e de não cessar até perder a vida com semelhante golpe. Após este juramento, partio Viriato para a Lusitania, e de tal maneira excitou os animos de seus habitantes, que pôde reunir uma força consideravel. Penetrou pelas terras da Carpentania, e destruindo tudo que encontrava recolheu-se ao seu paiz carregado de ricos despojos que dividio pela sua gente. A cerimonia do juramento que fez de novo é tão curiosa que não podemos deixar de escrever-a aqui. Diz Strabo: « Celebrou-se o juramento com um captivo dos muitos que trouxeram d'esta jornada, e com um cavallo em sacrificio do idolo de Marte, e abrindo-lhes as entranhas tomaram n'ellas os agouros da guerra que determinaram fazer contra Roma, e achando-os favoraveis passaram os soldados diante do idolo, mettendo a mão direita nas entranhas do captivo e depois nas do cavallo, protestaram não cessar até fazerem outro tanto em todo o exercito Romano. » Era assim que homens taes sabiam comprehender o amor da patria e da independencia. Era assim que Viriato começava essas lutas gigantescas que abalaram a soberba rainha do mundo, a altiva Roma!

(Continua.)

XAVIER PINTO.

## Mathilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

(Continuação).

Carlos hia visitar Mme. Adelaide, resolvido a zombar dos encantos e attractivos d'esta nova *Aspasia*. Para elle esses olhares ternos e magneticos que as mulheres sóem empregar tãobem nada diziam, e mais de uma vez provára que a franceza poderia passar por perto d'elle, montada no seu carro do triumpho, sem que o mancebo se dignasse ao menos lançar-lhe um simples signal de attenção.

Luiza apenas fora destinada para tocar o coração deste *homem de marmore*, respeito ás mulheres; é porque elle longe de materialisar-se no meio da sociedade *dourada* em que passára os seus melhores annos, sahira della resolvido a castigal-a, corrigindo-lhe os defeitos.

Infelizmente a luta teria de ser desproporcionada. Elle tinha a combater muitos, e estes combatiam um só. Por quantas provas não tinha elle já passado?! E quantas lhe estariam ainda reservadas?!

Como quer que seja Carlos accitava todas as consequencias da sua louca temeridade, e talvez que outro, em identicas circumstancias, houvesse succumbido. Ha porém em todos os corações certo amor proprio que impede os bons como os máus movimentos. Carlos tinha seu tanto deste defeito, e é por isso que não recuava. A franceza habitava a casa mais linda e elegante da Fulgosa. O luxo e a commodidade, junto a elegancia dos ornatos, tornavam essa casa notavel por aquelles lugares.

Os precedentes desta mulher eram ignorados, sabia-se que possuia uma fortuna sufficiente para brilhar, como também não se ignorava que vendia caro alguns sorrisos. Com tudo ella era festejada por toda a parte em que apparecia, os homens rodeavam-na e as mulheres invejavam-na. Dadas estas explicações poderemos continuar a narração interrompida.

Eram dez horas da manhã. O dia estava lindissimo; Carlos admirava a belleza dessas poeticas margens em que se deslisara a sua infancia, e volvendo um rapido olhar para o passado sentio-se ferido das saudades. Elle tão alegre sempre, caminhava triste e sombrio, as recordações vinha em tumulto, e a realidade de sua posição augmentava a melancholia profunda em que hia mergulhado.

Os camponezes paravam, e cumprimentando-o com respeito, afastavam-se dizendo: Já não é o mesmo.

Carlos escutava estas palavras, despertava um pouco da sua lethargia para se engolhar nella

de novo. Foi nestas circumstancias, e debaixo destas impressões que elle entrou na Fulgosa. A casa da franceza era proxima da estrada; o mancebo encaminhou-se para lá, e bateu a um grande portão. Mme. ? Dorme ainda, respondeu o creado; se quer tenha a bondade de entrar e sentar-se. Carlos accedeu ao convite, entrou, e subindo algumas escadas de pedra achou-se em uma especie de gabinete adornado com simplicidade. O mancebo sentou-se, sem que tivesse contemplado por um instante os muitos objectos que o rodeavam. Dez minutos depois entrou uma creada, e disse: Mme. acordou, quem direi que a procura? Carlos Pinheiro, respondeu aquelle. Carlos, sobrinho do brasileiro da *Casa Branca*? tornou a creada com certo tremor na voz. E' verdade. Então corro a annunciar esta boa nova a Mme.... até que enfim.... E a creada desappareceu, depois de ter lançado a Carlos um olhar malicioso e como de provocação. Pouco depois voltou. Sr. Carlos disse ella, tenha a bondade de acompanhar-me, Mme. espera-o. A experta mensageira atravessou uma especie de galeria, voltou a esquerda, abriu uma porta. Entre. E fechando a porta de novo disse: E' de crer que esta virtude de bronze resista por algum tempo, mas Mme.... não sei estes senhores homens são tão caprichosos!...

Carlos entrou. Renunciamos a descrever o luxo extraordinario que compunha este quarto. Qualquer outro que não o mancebo contemplaria com admiração os mil objectos de phantasia espalhados symetrica e elegantemente. A mobilia, os quadros, os cortinados de damasco, tapetes, cama, tudo em fim era digno de attenção.

Carlos porém contentou-se em procurar com a vista a pessoa que precisava, vio-a em uma das extremidades do quarto, negligentemente reclinada n'um sophá, para ali se encaminhou. A franceza estava simplesmente vestida de um longo roupão de cassa branca. Os seus compridos e lindos cabellos, cahiam-lhe pelos hombros, não podendo occultar os bellos contornos de um seio magestoso. Qualquer observador menos attento notaria que a posição de Adelaide era estudada, Carlos aproximou-se della e cumprimentando-a com respeito, disse: A minha presença nesta casa, e a esta hora deve sorprendel-a, Mme., mas comprehende que só uma necessidade urgente me forçaria a vir aqui. E' um cumprimento bastante lisongeiro, Sr. Carlos—agradeço-lhe, respondeu ella sentando-se, e convidando o mancebo a tomar lugar a seu lado. Este recuzou com um signal de cabeça bastante expressivo, e respondeu: Perdão, as circumstancias impedem-me de fazer gala de alguns ditos espirituosos e lisongeiros, e eu não transporia aquella porta no intuito de observar o contrario. Conhece-me demasiado para esperar de mim incensos e adora-

ções; Adelaide, que já vimos tão ativa e impetuosa, nada respondeu; a tempo talvez encaregára-se de transformar os sentimentos que Carlos lhe tinha inspirado. A primeira vez que apresentamos a franceza aos nossos leitores, olvidamos fazer um rapido esboço de sua phisionomia. Vejamos se é possível fazel-o agora.

Adelaide Valmout tinha de 28 a 30 annos. Era uma dessas mulheres bellas na acepção da palavra. Tudo em si era digno do reparo. Pallida, mas dessa pallidez poetica e tocante, olhos pretos e grandes, labios finos e nacarados, dentes alvos como o jaspe, collo magestoso, eis o que chamava mais a attenção nesta mulher. A sua estatura um tanto elevada mas elegante, esse não sei que de distincto e gracioso que as francezas possuem em summo gráu, a expressão que costumava dar aos seus olhares, tudo emfim era nobre e bello no exterior de Adelaide. As suas qualidades pertencem aos leitores adivinhal-as; e talvez que a occasião se lhes preporcione em breve. Era com esta mulher que Carlos hia lutar. Succumbiria elle? E porque não? Não succumbio o primeiro homem?! Ah! infelizmente o mundo conta mais de um Adão e Eva, em cada dia que passa, em cada anno que corre.... Mme., prosequiu Carlos, um pouco commovido, cheguei hoje de Castello de Paiva, onde fui visitar minha irmã. Durante a minha auzença um dos vossos amigos mais preciosos commetteu um crime que nem a mesma morte poderá fazer olvidar, porque se trata da honra de uma mulher, e da vida de um pai offendido. Pensei que ninguem mais que Mme. me podia dar os esclarecimentos de que necessito, são bem poucos; desejava saber o lugar em que se occultará Lourenço de Castro. E Carlos, acabando de pronunciar estas palavras lançou á franceza um olhar tão penetrante, que ella não pôde sustental-o. Falla-me em cousas que ignoro absolutamente, respondeu Adelaide com sangue frio. Perdão, o rapto da filha do doutor Rego é conhecido de todas as pessoas, se até hoje se ignora o raptor é porque eu não pude ainda fallar com os meus amigos.... Mme. é inutil esta diplomacia e jogo de palavras, tenho convicção de que foi desta casa que sahi-ram os preliminares deste crime.

Adelaide empalideceu extremamente esta accusação injuriosa revoltava o seu orgulho de mulher, mas Carlos exercia sobre ella um tal ascedente, que não teve resposta. Então?... Sr. Carlos, disse a franceza levantando-se, olhe bem para mim. Bom, obedece de prompto. Agora contemple por alguns momentos a pallidez do meu rosto, o amortecido de meus olhos, e sobretudo veja o tremor convulsivo de todo o meu corpo.... Que differença vai da Adelaide na matta do coronel Fonseca para a Adelaide presente! A que attribue isto Sr. Carlos? Um medico diria que ao

nervoso, eu attribuo isso tudo ao prazer, as noites repetidas de.... Acabe. Para que? que sou eu?... deve-me conta de seu proceder? Quanto se engana, Sr. Carlos!... E dizer-se que as mulheres não tem coração?!... Sejamos francos um para o outro, continuou ella enchugando algumas lagrimas; talvez que seja este o ultimo dia em que nos encontremos a sós; cumpre dizer tudo, e conhecer-me-ha então.

Ha momentos na vida da qualquer pessoa que podem decidir da existencia della.

Deus reserva á creatura horas inteiras de lenta agonia, durante as quaes a alma parece abandonar o corpo para se transportar a regiões desconhecidas até ali. E' entregue a essa dôr mortal que lançamos um rapido olhar para o passado. Se nesse passado temos uma vida desregrada, se nesse passado ha mais de uma cousa que nos pôde fazer corar, sentimos o coração comprimir-se a idéa de que talvez o arrependimento seja tardio, e que elle declarado não possamos lançar um véu impenetravel sobre essas cousas de que nos accusa a consciencia. Foi o que me succedeu ha pouco tempo.

E' uma confissão, Sr. Carlos, por quem é escute-me. (Continúa).

## Philosophia.

SUA UTILIDADE, E SUAS RELAÇÕES COM AS OUTRAS SCIENCIAS.

(Continuação do n. 5.)

A philosophia, desde o seu começo, tem soffrido varias alterações, e hoje geralmente a philosophia moderna é fundada sobretudo, nas modificações de Bacon e Descartes, mas a sua base tem sempre permanecido inabalavel, e tem sempre por objecto ensinar ao homem a conhecer-se a si, as suas faculdades, os seus deveres para com os seus semelhantes; ensina-o a conhecer seu Creador, guia-o na investigação da verdade; mostra-lhe o bem e o mal a fim de que elle siga o primeiro e aborrea o segundo; em uma palavra: é a sciencia que trata das cousas que se podem conhecer pelas luzes da razão, ou *philosophia est scientia verum cognoscibilium rationis lumine.* »

Mas, diria alguém, que utilidade tem a philosophia? Não viviam e não vivem ainda bem muitos que não sabem philosophia?—Não, pensa mal quem assim pensa: os homens, ainda mesmo os que não estudaram philosophia, são dotados de uma certa dose de philosophia natural, e reconhecem a utilidade della, e ainda mesmo admitindo que existem homens que negam totalmente a utilidade della, e que a ignoram completamente, esses homens vivem machinalmente, sem conhecer a sua dignidade, e a sua superioridade sobre os brutos, vivem pois como os brutos, e formam uma excepção á regra geral, o que

nada prova contra a utilidade e importancia da philosophia. Dirá ainda um outro, não são as dissertações dos philosophos uma prova de que a philosophia não attinge o fim a que se propõe? E então, qual é a sua utilidade? A isso respondo:

As dissertações dos philosophos nada provam contra a sua utilidade, por quanto, ellas tambem não são mais que um caso particular da regra geral, a qual exige disputa onde ha exame; e, como não ha autoridade que possa determinar solução alguma, fica sempre um campo aberto a controversias que são uma consequencia necessaria da liberdade, que constitue a essencia do espirito da philosophia.

Um terceiro dirá: Não nos fornece a religião um grande numero de verdades que a philosophia busca, mas em vão, demonstrar? de que serve pois a philosophia? Em quanto a este caso respondo: Devemos notar que a philosophia e a religião tendem a dous fins differentes: esta á necessidade de crer, aquella á necessidade de comprehender.

A philosophia não ultrapassa os limites da razão, e guiada pela mesma razão, ella não penetra em mysterios, e limita-se a descobrir e a apresentar principios solidos e lucidos, e posto que seus erros sejam as consequencias da fallibilidade humana, sua ambição não é por isso menos nobre, e o homem jámais poderá, sem se rebaixar, negar a summa importancia e utilidade da philosophia.

Esta sciencia, tão sublime e tão vasta, está em relação com todas as outras sciencias, porquanto cada uma de suas partes tem um intimo nexa com as outras sciencias: a psychologia, ramo da philosophia, trata da alma, e de suas faculdades; ora a alma é o sujeito de nossos conhecimentos, e as suas faculdades são os instrumentos com que adquirimos esses conhecimentos; a logica tambem ramo da philosophia ensina-nos a raciocinar; e sem raciocinio não poderíamos avançar nas sciencias; além disso a logica dá-nos as regras do methodo, e sem methodo não obteríamos sciencias nem artes; a logica tambem nos conduz á verdade, e á certeza que nos guiam no estudo das outras sciencias; a *moral*, ramo da philosophia, nos guia ao conhecimento do bem e do mal, ensinando-nos a seguir aquelle e a evitar este, e succumbindo nós ao mal não avançamos nas sciencias, a theologia, ramo da philosophia, tem por objecto ensinar ao homem qual é seu Creador, qual a sua essencia, quaes os seus attributos, e sem o conhecimento da nossa origem não conheceríamos nosso fim e não poderíamos marchar com segurança nas outras sciencias: consequentemente de tudo isto concluo que a philosophia tem relação com as outras sciencias, logo:

De todas as sciencias ella é mãe!

J. A. S. RIBEIRO JUNIOR.

## Os Esfaimados.

### ROMANCE

POR JOSÉ MIGUEL DIAS FERREIRA.

#### O Casamento.

#### VIII.

Haviam já decorrido algumas semanas desde o feliz encontro de Ricardo, sem que tivesse occorrido alguma cousa mais de notavel na « casa solitaria. »

Na manhã d'um bello dia, passavam continuamente em frente a « casa solitaria » muitos homens cada qual com seu alforge ás costas, e pela alegria que mostravam fizeram admirar muito aos habitantes da antiga casa dos contrabandistas.

José estava impaciente por saber o motivo de tanta alegria.

A curiosidade e admiração chegaram ao extremo ao verem outra porção d'homens, e mulheres que vinham cantando, acompanhando com a guitarra o tom da voz.

Estes igualmente traziam alforjes, e como a distancia era pequena da « casa solitaria » ao caminhar, José que estava fóra da porta, encaminhou-se apressado para os camponeses. Então amigos que novidade temos? Esta pergunta causou uma hilaridade geral.

Os semblantes cadavericos dos habitantes mostravam-se alegres, e parecia que já tinham esquecido inteiramente a lembrança da terrivel fome que fazia perecer seus companheiros, e que elles mesmos já não a sentiam.

José mais admirado ficou.

Alguns minutos depois de rirem-se como perdidos, gritaram quasi todos ao mesmo tempo:

Estamos salvos! já não ha mais fome! os americanos tiveram pena de nós!

O coronel Martins, está encarregado de distribuir os mantimentos que trouxeram os navios de Philadelphia. Vivam os americanos gritou José com toda a sua força.... vivam!... repetiam todos á uma.

Oh! Bemdicto sejaes povo generoso. Todos estão salvos Deos condeoe-se da nossa sorte!... disseram os outros e seguiram cantando.

José voltou alegre e ao chegar a porta gritou; Ricardo! o povo de Santo Antão está salvo, já chegaram mantimentos de Philadelphia!... E graças a Deos nós tambem estamos salvos!...

Respondeu Ricardo: Como? Porque somos senhores d'um thesouro que nos torna feliz. Mas qual é elle, se eu ignoro? Pois bem vinde amigo José, quero contar o occorrido ao pé de vossa filha; ambos seguiram para dentro. Maria con-

cervava-se sentada a um canto do quarto, seu pai e Ricardo sentaram-se ao pé, uma pequena admiração teve Maria. Ricardo foi o primeiro a fallar e disse desde que ficamos senhores d'esta casa o meu principal pensamento e cuidado foi descobrir o lugar onde os contrabandistas guardariam as suas riquezas, eu bem vo-lo dizia José que haviam de existir aqui. Ajudado por Deos e com o desejo de tornar feliz a vossa filha tratei de procurar em todos os lugares do subterraneo o que a minha imaginação meditava e depois de muitas vigílias descobri o quarto onde se reuniam e juntamente um cofre enterrado contendo uma fortuna sufficiente para tornar-nos felizes; como o nosso casamento está proximo, disse elle voltando-se para Maria queria que participasses da minha alegria, por isso amanhã devemos tratar de mandar apromptar esta casa para abreviar as nossas nupcias.

Poucos dias tinham decorrido depois desta scena entre estas personagens; a casa solitaria já não parecia a antiga habitação dos contrabandistas nem o lugar onde se occultavam as almas do outro mundo; como julgavam os camponezes rudezes; mas sim uma casinha descendentemente arranjada.

Muitos camponezes estavam reunidos nos arredores e divertiam-se em tocar flautas ou gaitas. Era o dia marcado para o consorcio, não havia uma só pessoa nos arredores que não tivesse vindo tributar seus reconhecimentos aos dous felizes noivos. Todos os seus parentes achavam-se reunidos e as horas já se iam aproximando; faltava unicamente o padre. Passadas algumas horas o povo que estava fóra principiou a gritar agitando os seus lenços e chapéos e dizendo é elle é o senhor padre; Deos o traga e venha tornar felizes aos nossos protectores. Então rapaziada! vivam os nossos protectores, vivam responderam todos e foram esperar o padre ao caminho.

José levantou-se e chegando á porta avistou o padre ao longe e voltando contente exclamou: acaba de chegar o ministro de Deos que vem unir dous corações que a desgraça tinha para sempre querido separar! bemdicto seja Deos por compadecer-se da nossa sorte. O padre acabava de entrar, e saudando os convidados foi apertar a mão de José.

Aqui estou, meu caro amigo, venho unir vossos filhos. No interior da casa tinha-se apromptado um pequeno oratorio; Ricardo e Maria para lá se dirigiram a fazer oração; passado um pouco de tempo o padre já revestido entrou para praticar a cerimonia. Os corações dos dous jovens estremeceram d'alegria de ver entrar o padre; Maria estava mais bella que nunca. O oratorio encheu-se de povo e todos procuravam devi-

sar nos semblantes dos dous noivos a alegria que participavam. Poucos minutos depois um sussurro fez-se ouvir d'entro do oratorio e muitas pessoas sahiram devisando-se em seu rosto a alegria. Logo grandes vivas retumbaram por toda a casa, Ricardo e Maria estavam casados. O povo gritava entusiasmado: vivam os nossos protectores!... vivam.... repetiam todos; e a alegria durou por muitos dias.

Depois a vida mais feliz que se póde imaginar Deos concedeu aos dous esposos.

FIM.

## POESIAS.

### As cordas de minha lyra.

Minha Julia, tu perguntas  
Quantas cordas tem a lyra?  
Quantos os sons que respira  
A lyra de teu cantor?  
Escuta pois, neste instante  
Vou della os sons te dizer,  
De prompto satisfazer  
Teu desejo ó meu amor.

Sómente, Julia tres cordas  
Tem a pobre lyra minha;  
E' tão rude e tão mesquinha!  
Porém que fazer querida?  
Tres são as cordas apenas;  
Porém essas são singelas;  
Nunca a voz d'uma só dellas  
Foi por momentos vendida.

Mui prestes tu me perguntas  
Os sons da corda primeira?  
Pois bem, essa, feiticeira  
Virgem, pertence ao senhor,  
Ao arbitro Omnipotente,  
Magestoso, alto e divino,  
Em cujas mãos o destino,  
Julia, está de nosso amor.

Da segunda, a voz saudade  
Exprime, Julia, profunda,  
Meu coração que circunda  
D'agros e duros espinhos!....

Saudades da patria amada,  
E d'uma mãe carinhosa,  
Que á minha infancia mimosa  
Proporcionou mil carinhos.

A terceira, emfim, votada  
E' ao amor puro e santo  
Qu'ambos nós, ó meu encanto,  
Votamos por sympathia...  
Porém, n'essa mesma corda  
Que tanjo de minha lyra,  
Ha sempre um som que respira  
De triste melancolia !....

Eis, minha Julia, as tres cordas  
Em que a lyra é resumida;  
Por mim não pode ferida  
N'ella ser outra jamais!  
São tres pois, os sons que conto  
De meu mesquinho alaude,  
Onde se encontra virtude,  
Amor, saudade, e não mais...

JOÃO DANTAS DE SOUZA.

### Já não amo.

Já não amo, e agora n'est'alma  
Nutro só indiff'rença á mulher,  
Já não amo, feliz doce calma  
Sinto sinto no peito nascer.

Essa chama que a vida arrebatá  
Expulsei-a de meu coração,  
Hoje livre despreso a ingrata,  
Quando cria morrer de paixão.

Que loucura ! meu Deus vi na morte  
Esta vida por ella involver,  
Do que amor a razão faz mais forte  
Para a palma na lucta colher.

Succumbir, ficar ella no mundo,  
De meus males ainda a zombar,  
Até vir o remorso profundo  
Sua vida por fim torturar,

Era pouco, é melhor o seu crime  
Ver na terra algum dia expiar,  
Quando for consagrar amor firme  
A quem só a deseje enganar.

Então graças ao anjo bondoso  
Que me fez recup'rar a razão  
Eu darei, e vivendo dictoso  
Heide nelle finir de paixão.

E se acaso seu peito covarde  
Viêr inda clemencia pedir  
Dir-lhe-hei: vil tyranno é já tarde  
P'ra que possa teus rogos ouvir.

Já não amo, e agora nesta alma  
Nutro só indiff'rença á mulher;  
Já não amo, feliz doce calma  
Sinto, sinto no peito nascer.

Rio 25 de Setembro de 1856.

MANOEL ALVES V. P. CAZAL.

### O meu viver.

De que me serve o viver,  
Se minha sina é soffrer ?...

Deixei minha patria amada,  
Terra estranha vim buscar,  
Uma vida amargurada  
De negro fel vim passar ;  
De que me serve o viver,  
Se minha sina é soffrer ?

De que me serve no mundo  
Arrastar dias de dôr,  
Se em meu peito mal profundo  
Me causou baldado amor ?  
Se não tem meu coração  
Nem uma doce emoção ?

Dezoito annos apenas,  
E estou no mudo só !  
Soffro aqui acerleas penas

E ninguem de mim tem dó !  
A ninguem commove a dor,  
Que retalha o trovador.

Que importa ao homem, que goza,  
Que a vida, que lhe sorri,  
Seja as outras dolorosa,  
Se elle diz: « Nunca soffri ? »  
Senão, ha no peito seu,  
Um pezar igual ao meu....

Quem poderá dar-me agora  
A ventura que gozei ?  
Essa paz encantadora,  
Que em minha terra deixei ?  
Ah ! que não póde ninguem  
Restituir-me um tal bem !..

De meu pai doces afagos  
Quem póde tornar-me já ?  
De minha mãe beijos magos  
Compensar quem poderá ?  
Talvez não mais gozarei  
Esses bens, que desfrutei....

Se ao menos o amor viesse  
Abrandar minha afflicção,  
Se comprehender podesse  
Meu amante coração !...  
Poderá ainda um sorrir  
A meus labios doce vir.

Mas o meu amor profundo  
Nunca ella entenderá....  
Dezoito annos só no mundo  
E' p'ra mim um ermo já !...  
De que me serve o viver,  
Se minha sina e soffrer ?...

Rio, 7 de Janeiro de 1856.

EUGENIO A. DE B. RIBEIRO.

### Não Chores.

Donzella, pois choras, porque a desgraça  
Já hoje me faça, desgostos soffrer?!...  
Não é para crer, que nos venha d'irmão,  
Terrível acção, infortunios trazer?!...

Oh ! cessa teu pranto, Donzella querida,  
Pois que n'esta vida, vorás ambição,  
Apaga d'irmão sentimentos cuidados,  
E vem desregrados mostrarem-se então !

Oh ! cessa, porque com teu pranto saudoso,  
Tu vens copioso meu pranto excitar,  
E dois a chorar desafiam tristeza;  
Querida belleza, me deixa penar.

Assim de manhã, no jardim fresca rosa  
Tremendo mimosa pela hastea delgada,  
Se vê orvalhada luzindo tambem,  
Querido meu bem, tu estás demudada!...

Porém quando o sol das collinas romper,  
Té ha de trazer nos seus raios calor,  
E tu meu amor aquecida, perfeita  
Virás satisfeita calar minha dor...

Agora porém ancioso confesso  
Que muito careço não chores por mim  
Que podes assim, tantas penas me dar !  
Não deves chorar, esperemos emfim.

Setembro 25 de 1856.

J. J. BARBOZA DE CASTRO.

### Parodia.

Se eu fora na terra, destino immutavel  
Houvera agradavel, nesta hora imperar;  
Aos noivos baixar, infinita alegria,  
A doce harmonia, p'ra sempre lhes dar.

Se eu fora das rosas, a rosa mais linda,  
Houvera, pois inda, no peito brilhar;  
Aos noivos deixar os perfumes das rosas,  
Que fossem ditosas, ás vidas do par.

Se eu fôra dos Céos, um archanjo formoso,  
 Houvera bondoso, dos astros descer,  
 Aos noivos trazer do Senhor alliança,  
 Da eterna esperança, em que devem viver.

Porem um destino immurtavel, a roza,  
 Que bella, formosa, pela hasta se vira,  
 Archanjo que gira, nos astros formosos,  
 Não sou, (virtuosos consorte) sou lyra!...

Setembro 27 de 1856.

J. J. BARBOSA DE CASTRO.

### Minha finanças.

(NO ALBUM DO SR. ANTONIO XAVIER  
 RODRIGUES PINTO.)

Mui alta já vai a noute ;  
 Em continuo suspirar,  
 Velo triste sem ter somno  
 E dinheiro p'ra gastar ;  
 Neste cruel desespero  
 As routes passo a scismar !  
 As passo todas soffrendo,  
 Oh! tão longas ellas são!  
 Tanto soffro que no bolso  
 Eu não ache um só tostão !  
 Minhas calças já cossadas,  
 Outras pedindo m'estão !...  
 E meus sapatos sem graxa,  
 Que tão russos vão ficando,  
 Tão cambaios e tão tortos,  
 Eu mui triste os vou calçando ;  
 Tão zangados elles se virão  
 Para mim se acaso eu ando.  
 Triste, triste é a vida minha !  
 Inda é mais triste o meu fado !...  
 Eu namoro uma menina,  
 E della sou namorado ;  
 Ai ! de mim ! se assim me vê,  
 Ficarei abandonado.  
 Mas espero inda uma vez,  
 De ganhar muito dinheiro....  
 Então sim eu posso encher

Meu varrido migalheiro,  
 Um homem quer enforcar-se  
 Enforca-lo vou ligeiro !

Mas que vejo ! coitadinho  
 Que dependurado está ;  
 As pernas soltas ao vento  
 Dansão de cá para lá !  
 Cinco palmos tem a lingua  
 Pelos joelhos de lhe dá !

Pobre coitado, morreu !...  
 Vou ver seus bolsos que tem :  
 Só papeis cheios de versos....  
 Dinheiro.... nem um vintem !  
 Todo roto, esfarrapado,  
 Poeta como eu tambem !...

Se a mesma sorte me espera  
 Não quero mais trovejar ;  
 Por que grande susto tenho  
 D'algum dia me enforcar,  
 Eu quero morrer deitado,  
 Não quero morrer no ar.

Rio 23 de Setembro de 1856.

DIOCLECIANO DAVID CESAR PINTO.

### Já não quero ser poeta!!

( NO MESMO ALBUM. )

Que descubro... Oh ! meu Deos, Ah ! que leio!!!  
 Que os cabellos me faz repiar!!!...  
 Um poeta, tão joven ! que brada....  
 — Adeus mundo !!... que eu vou-me enforcar !!!

Qual o arcano d'um tal desespero ?  
 — A pobreza — Destino fatal !  
 Que aos poetas, aos bravos persegue !  
 E seus peitos ! de nada lhes val !

Pois eu quero seguir os seus passos ;  
 Vai-te lyra.... não quero tanger-te  
 Jámais quero teus sons escutar !...  
 Foge.... foge.... não quero mais ver-te....

Que me chamem poeta não quero,  
 Só o nome me faz já tremer....  
 Antes quero seguir outra senda....  
 Enforcado não quero morrer !

Rio 29 de Setembro de 1856.

F. C. MARTINS DA COSTA.